



CROMOSSOMOS X E Y: O BIOLÓGICO E O SOCIAL NA ABORDAGEM DE GÊNERO DA REVISTA SUPERINTERESSANTE

Elisa de Magalhães e Guimarães¹

Filiado ao quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso desenvolvida por Michel Pêcheux (1997 [1969]), o presente trabalho tem como objetivo apresentar um gesto de leitura sobre a forma como os diferentes papéis sociais atribuídos a homens e mulheres são tratados pela revista *Superinteressante*, ora como resultantes de uma determinação biológica, ora como uma imposição social ou cultural. Trata-se de um recorte de uma pesquisa desenvolvida para dissertação de mestrado. Ao longo da pesquisa, foram analisadas reportagens de capa que se debruçam sobre assuntos relacionados a gênero, sexualidade e comportamento, publicadas desde o lançamento da revista, em 1987, até 2015, totalizando 15 matérias. Na apresentação feita em formato de pôster no VIII SEAD, trouxemos algumas sequências discursivas que foram analisadas para o trabalho final.

Inserida no campo da divulgação científica, a revista *Superinteressante* foi lançada com a proposta de oferecer “aos leitores uma visão ampla do que se fez, do que se faz e – por que não? – do que se fará em termos de pesquisa e realização científica e tecnológica”, com uma pauta que abrangeria “da Física à Pré-História, da Astronomia à Ecologia, da Informática à Psicologia ou à Religião” (CIVITA, 1987). Segundo o site de publicidade da Editora Abril – o Publiabril –, a revista tem como missão separar “o novo do velho”, “o importante do irrelevante” e “a verdade do mito” (PUBLIABRIL, 2017).

A proposta da revista vai de encontro com a definição de discurso sobre de Mariani (1996), que englobaria o discurso jornalístico. Conforme a autora:

Os discursos sobre são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os discursos sobre são discursos intermediários, pois ao falarem sobre um discurso de (‘discurso-origem’), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que o falar sobre transita na co-relação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor. (MARIANI, 1996, pp. 21-22)

No caso da divulgação científica, é o conhecimento científico que é mobilizado para institucionalizar sentidos tanto sobre a própria ciência quanto sobre as questões que servem de tema para pesquisas e reportagens.

Em nosso imaginário social, conhecimento científico desfruta de uma posição de objetividade e racionalidade plenas. Tal ilusão aponta para uma visão quase religiosa da ciência em nossa formação social, em que o discurso da ciência teria como característica o apagamento do seu sujeito, que estaria “presente por sua ausência, exatamente como Deus sobre esta terra no discurso religioso” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 198). Entretanto, há uma divisão, tanto dentro das próprias

¹ Mestranda em Estudos de Linguagem (UFF/CAPES). Orientadora: Prof. Dra. Silmara Dela Silva.



instituições de pesquisa científica quanto entre o público dito não especializado, entre o que é considerado conhecimento científico sério ou válido e o que não é. Uma vez que o método científico se desenvolveu com base nas quantificações e qualificações das ciências exatas e naturais (SANTOS, 2010 [1987]), tal divisão frequentemente relega as ciências humanas e sociais a uma posição de subciências, cujas pesquisas não teriam a mesma seriedade e confiabilidade de áreas como a química ou a biologia. Nas palavras do autor:

O modelo de racionalidade que preside à ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVIII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes. A partir de então pode falar-se de um modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se distingue e defende, por via de fronteiras ostensivas e ostensivamente policiadas, de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluíram, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos). (SANTOS, 2010 [1987], p. 21)

Guimarães (2001) aponta que esta distinção também comparece nos veículos de divulgação científica. Segundo o autor,

as Ciências Humanas não são pensadas como ciência pela mídia, salvo se elas se deixam reduzir às Ciências Exatas e da vida, ou se elas, para isto, podem produzir a tecnologia, ou são ligadas a certos artefatos tecnológicos (...) Desta maneira, há uma concepção empirista da ciência que sustenta o trabalho da mídia e este empirismo está completamente de acordo com um pragmatismo que está também presente na posição dos organismos de Estado que produzem políticas científicas enquanto norma. (GUIMARÃES, 2001, p. 76)

nesta tensão entre as ciências humanas e as exatas e da vida que se constitui o discurso sobre gênero de *Superinteressante*. A revista faz menção ao social e/ou cultural em vários momentos como fatores indispensáveis para a formação do masculino e do feminino em nossa formação social. Entretanto, é possível perceber uma preferência pelo biológico, apresentado como fator determinante dos traços e do papel social atribuído a cada gênero. Abaixo, reproduzimos algumas das sequências discursivas recortadas durante a pesquisa.

SD1: **Instigados pela cultura** (universitária e generalizada) de pegar o maior número de mulheres possível e não perder nenhuma chance de fazer sexo, acabam ignorando consentimentos não dados ou resistências. (*Como silenciamos o estupro*, setembro/2015)

SD2: Novas evidências sobre o clitóris e pesquisas de comportamento animal provaram que a mulher nasceu, sim, para ter prazer no sexo e que sua propagada vocação para a monogamia não passa de **imposição cultural**, sem nada a ver com sua **programação natural**. (*Viva Afrodite!*, outubro/2000)

SD3: O aumento da infidelidade tem a ver com a independência delas, que já são quase metade da força de trabalho e estão diminuindo rapidamente a distância financeira para os homens (nos EUA, 22% das esposas já ganham mais do que os maridos). Mas **as raízes disso estão dentro do cérebro**. (*Amor – O Fim*, julho/2010)

SD4: Assim, logo de cara vão por água abaixo todas as esperanças de igualdade entre os sexos: desde o início a **mãe natureza** cuida de tratar cada gênero de



maneira diferente. (*Homens x mulheres – Por que eles estão ficando para trás?*, junho/2011)

Há uma alusão às ciências humanas e ao ideológico por meio das menções nas SDs 1 e 2 a uma “cultura (universitária e generalizada)” e a uma “imposição cultural”. Porém, logo em seguida, vemos um retorno ao biológico: por mais que a revista negue que a monogamia seja o estado natural da mulher, ela também aceita a existência de uma programação natural, embora distinta da que circula no imaginário social. Assim, a cultura existiria como forma de deturpar a natureza humana, que cabe à ciência desvendar.

O mesmo movimento de reconhecimento de questões não-biológicas seguido por um retorno à natureza ocorre na SD3, em que fatores econômicos representam uma mudança na relação entre homem e mulher, mas, em última instância, é a biologia, aqui representada pelo cérebro, que dita as regras de comportamento. Mesmo as mudanças sociais têm sua origem, suas “raízes”, dentro do cérebro.

Já na SD4, a natureza assume um caráter quase divino. Porém, em vez de um pai que impõe regras aos seus filhos, como seria o Deus cristão, trata-se de uma mãe que cuida de meninos e meninas de maneiras distintas, impedindo qualquer possibilidade de igualdade. A natureza é apontada como se fosse um Outro, determinando como devem ser os sujeitos, que, por sua vez, buscam desvendar os desejos de sua “mãe” por meio das pesquisas científicas.

Nas sequências apresentadas, é possível perceber o funcionamento discursivo da revista com relação a gênero e ao discurso das ciências humanas e naturais. Em última instância, o comportamento humano, para *Superinteressante*, é explicado pela biologia. Mesmo que haja uma menção ao social, as características e funções atribuídas a homens e mulheres são apresentadas como sendo apenas reflexos de uma determinação biológica.

Se nos voltarmos para a ascensão do pensamento científico durante o período de consolidação da ideologia burguesa como ideologia dominante, vemos que tais formas de pensar o masculino e o feminino já se faziam presentes. Podemos citar como exemplo o caso do médico italiano Cesare Lombroso, que, no século XIX

apontava na mulher inúmeras deficiências, além de atribuir-lhes fortes traços de perfídia e dissimulação. Ele afirmava que a mulher era menos inteligente que o homem, explicando que a presença da genialidade nesse sexo, por uma confusão de caracteres sexuais secundários, faria a mulher parecer um homem disfarçado. Era a mulher dotada de menos sensibilidade nos mais diversos âmbitos, especialmente na sexualidade. Dentre as razões que apresentava para comprovar tal afirmação, enumerava a raridade das psicopatias sexuais nesse sexo e a sua capacidade de manter a castidade, por longo tempo; atitude impossível de exigir-se dos homens. Assim, justificava que as leis contra o adultério só atingissem a mulher, cuja natureza não a predispunha a esse tipo de transgressão. Apesar de considerar a existência de uma categoria especial de mulheres – as criminosas por paixão –, dizia Lombroso que o tipo puro de criminoso passional seria sempre masculino, pois nunca a explosão de paixão na mulher poderia ser tão violenta quanto no homem. (SOIHET, 1997, p. 381)



Soihet (idem) aponta que as ideias de Lombroso tiveram grande impacto na legislação brasileira, servindo de base para as punições diferenciadas com base no gênero do acusado pelo crime de adultério e para o argumento da legítima defesa da honra no caso do assassinato de mulheres por seus cônjuges. Tal pensamento manteve sua influência mesmo no século seguinte: Bassinezi (1997) aponta que, ainda nos anos 1950, a suposta oposição entre uma natureza casta feminina e as tendências masculinas à promiscuidade era evocada por revistas e jornais e seus especialistas consultados como forma de cercear a sexualidade feminina. Atualmente, em nossa formação social, a formação ideológica dominante passou por transformações no tocante às relações entre os sexos. Porém, a busca por um essencialismo baseado na biologia ainda se faz presente, como pudemos ver nas análises das SDs da revista *Superinteressante*.

REFERÊNCIAS

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 697-639

CIVITA, Victor. Carta ao leitor. *Superinteressante*, São Paulo, n. 1, 1987. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/superblog/leia-a-primeira-carta-ao-leitor-que-saiu-na-edicao-1-da-super/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

GUIMARÃES, Eduardo. A ciência entre as políticas científicas e a mídia. In: GUIMARÃES, Eduardo (org). *Produção e circulação do conhecimento – Volume I: Estado, mídia, sociedade*. Campinas: Pontes, 2001. pp. 73-79

MARIANI, Bethânia. *O comunismo imaginário: praticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PUBLIABRIL. *Revista Imprensa Superinteressante*. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/superinteressante/plataformas/revista-imprensa>>. Acesso em: 18 de agosto de 2017.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p.61-161. Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995. Tradução de: *Les vérités de La Palice: linguistique, sémantique e philosophie*, 1973.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010 [1987].

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 362-400